

NOTÍCIAS04

TEORIA E APLICAÇÃO

O SUJEITO E A ÉTICA NA ATUALIDADE

Roberto Alves Banaco07

NA ESTANTE

“PSICOLOGIA DAS HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA”

Nicodemos Batista Borges17

TRABALHO E ORGANIZAÇÕES

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TRABALHO

Lívia F. Godinho Aureliano.....21

COMPORTAMENTO EM CENA

O PROBLEMA OBSESSIVO-COMPULSIVO E AS DIFICULDADES
DE HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO FILME

MELHOR É IMPOSSÍVEL

Gisa Baumgarth25

ACONTECE32

FORMAÇÃO AVANÇADA EM ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO

Estruturado em quatro módulos, o curso propicia ao aluno consolidação da base teórica da Análise do Comportamento e da relação desta abordagem com as questões da prática profissional, incluindo noções fundamentais de transtornos psiquiátricos e estágio supervisionado.

- CONCEITOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A PRÁTICA DO AT
- MUDANÇA POR REGRAS X CONTINGÊNCIA • CORRESPONDÊNCIA VERBAL X NÃO-VERBAL • HISTÓRIA DO AT • DEFINIÇÃO DO PAPEL DO AT E DO TERAPEUTA NOS DIFERENTES SETTINGS • A RELAÇÃO COM A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E MULTIABORDAGEM • AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL EM AMBIENTE NATURAL
- OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS • IDENTIFICAÇÃO DE REFORÇADORES POTENCIAIS • VARIABILIDADE E MODELAGEM • CID, DSM E OS TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS • NOÇÕES ELEMENTARES DE PSICOFARMACOTERAPIA
- TÉCNICAS PSIQUIÁTRICAS E ANÁLISE FUNCIONAL • QUESTÕES ÉTICAS.

TOTAL DE HORAS/AULA: **126** (36 horas de supervisão clínica e 90 horas de disciplina) • TOTAL DE HORAS DE PRÁTICA: **144 horas**
HORÁRIO: Sábados, das 08h30 às 18h • **INÍCIO: MARÇO 2007**

Olá a todos... sejam bem-vindos ao Núcleo Paradigma...

Este boletim é mais uma via de acesso que pensamos em criar para o nosso contato. Aliado ao sítio da Internet e dos telefones que temos disponíveis, este boletim vem cumprir mais uma etapa de solidificação dos serviços que prestamos.

Quando o Núcleo Paradigma foi criado, o sonho apontava para um instituto que pudesse ser um centro de formação, atendimento e construção de conhecimento em análise do comportamento, especialmente em terapia analítico-comportamental. Começamos pequenininhos, aos poucos, e procurando sempre seguir a velha máxima “a cabeça no sonho e os pés no chão”. Gradativamente começamos a perceber que dava para dar mais um passo, e mais um, e depois outro. Hoje, percebemos que uma boa parcela desse sonho já está bem embasada, e agora, a partir dessa base, outros rumos foram acrescentados aos passos iniciais, e o sonho se expandiu. Crescemos, e agora temos também atividades de assessoria a empresas e instituições, e um espaço físico aconchegante e receptivo para muitas atividades culturais e de divulgação. Achamos que isto também deveria ficar à disposição de vocês.

Por esta via de comunicação, portanto, temos o propósito de solidificar ainda mais o nosso contato, construindo e registrando por meio dele, mais um pedaço de nossa história que certamente vocês terão a oportunidade de partilhar.

Este boletim tem como objetivo informar-lhes das atividades que desenvolvemos (esperamos que vocês gostem), bem como oferecer algum material que possa lhes ser útil para a vida profissional, acadêmica e pessoal.

Procuraremos, sempre, estar atentos às necessidades das comunidades que mais nos tocam de perto: a comunidade dos analistas do comportamento, a comunidade das pessoas que precisam de terapia psicológica, a comunidade que gosta de estudar as relações dentro das instituições, a comunidade que está em nosso entorno, a comunidade de quem tem vontade de aprender e debater, enfim... gente como a gente.

Esperamos, com este boletim, atingir a mais um pedacinho dos nossos objetivos e tornar mais um pouco sólido o nosso sonho.

Mais uma vez, sejam bem-vindos... nossas portas estão abertas a vocês...

Com carinho,

Denis Zamignani
João Ricardo Pedro
Joana Singer Vermes
Roberta Kovac
Roberto Alves Banaco



INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO NÚCLEO PARADIGMA

As instalações do Núcleo Paradigma foram ampliadas visando oferecer melhores condições para o desenvolvimento dos nossos cursos de especialização e extensão. O Núcleo Paradigma agora conta com uma infra-estrutura que inclui salas de aula, salas para supervisão e atendimento clínico, biblioteca, sala de estudo, laboratório de informática, secretaria e administração, em um espaço confortável e harmonioso. No último dia 11 de agosto, tivemos a satisfação, junto a muitos amigos e colegas, de comemorar a inauguração de nossa nova sede. Na ocasião, tivemos a oportunidade de receber o Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, que proferiu uma palestra sobre o tema Dimensões da Análise do Comportamento e a Formação do Analista do Comportamento.



RESPONSABILIDADE SOCIAL: PARCERIAS DO NÚCLEO PARADIGMA PROPICIANDO APOIO À COMUNIDADE.

O Núcleo Paradigma efetuou uma parceria com a Associação Viva e Deixe Viver, uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que promove o estímulo à leitura e ao brincar para crianças e adolescentes em condição de internação hospitalar. Para realizar seu objetivo, a Associação Viva e Deixe Viver recebe como doação, pelo menos uma hora semanal de seus voluntários, que contam ou fazem histórias. O Núcleo Paradigma, como parceiro dessa associação, oferece seu espaço e apoio terapêutico aos contadores de história que são indicados pela própria OSCIP. Outro evento que tem permitido ao Núcleo Paradigma colaborar com a comunidade é o “Cinema Paradigma” (veja mais informações

sobre ele em seguida, neste boletim) cuja inscrição é um quilo de alimentos não perecíveis, que são doados à Fraternidade Irmã Clara. A FIC é uma Entidade Filantrópica sem fins lucrativos, que oferece abrigo, tratamento, reabilitação e inclusão social de portadores de Paralisia Cerebral e Deficiência Mental em seus mais diversos graus.



NOVO FORMATO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DO NÚCLEO PARADIGMA

Atendendo a pedidos, o Núcleo Paradigma oferecerá a partir de 2007 um novo formato para o curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental. Com aulas quinzenais, às sextas e sábados, o curso

oferece condições para alunos que não podem dispor de um dia inteiro ao longo da semana para sua formação.



CURSO ESTUDOS AVANÇADOS

Nosso grupo de estudos “**Estudos Avançados em Clínica Analítica-Comportamental**” completou em agosto, um ano de existência. A experiência para quem tem freqüentado o grupo tem sido excelente, já que temos tido a colaboração de expoentes da Análise do Comportamento atualizando-nos em assuntos de base extremamente importantes para a prática clínica e, como participantes do grupo, terapeutas de grande bagagem clínica, o que tem tornado a discussão ainda mais enriquecedora.



CURSOS E CONSULTORIA EM ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS NO NÚCLEO PARADIGMA.

O Núcleo Paradigma oferece, desde março de 2006, o serviço de consultoria em Recursos Humanos. O Núcleo conta com uma excelente equipe de consultores, com experiências em diferentes organizações e atuações em diversos projetos de gestão de pessoas. Esses profissionais aliam sua prática com a experiência acadêmica, buscando soluções efetivas e inovadoras, com o objetivo de melhorar a eficácia organizacional e o bem-estar dos colaboradores. Além disso, a equipe oferece diversos cursos na área.

AGUARDE:

CURSO SOBRE PSICOLOGIA DO CONSUMIDOR, A SER MINISTRADO POR FABIO PARUCKER (MESTRE EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA PUC-SP)



NOVO SERVIÇO DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) NO NÚCLEO PARADIGMA

O Núcleo Paradigma conta com uma equipe estruturada para a prestação de serviços em acompanhamento terapêutico. Como um núcleo formador de companhantes terapêuticos, a equipe do Núcleo Paradigma é composta por profissionais em constante atualização e aperfeiçoamento. Tais profissionais são psicólogos com alto grau de capacitação nessa atividade e alunos em formação, supervisionados constantemente pelos nossos profissionais.



ACOMPANHE AS NOVIDADES:

WWW.NUCLEOPARADIGMA.COM.BR

No site, pretendemos acrescentar periodicamente novidades em links, artigos, conteúdo e propostas de cursos de extensão, grupos de estudo e cursos avançados nas mais diferentes áreas de aplicação da análise do comportamento. **FIQUE ATENTO!**

ESTUDOS AVANÇADOS EM CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

COORDENAÇÃO

Roberto A. Banaco

O curso visa um aprofundamento teórico sobre temas tradicionais em análise do comportamento, sempre com uma meta de aplicá-los a casos clínicos. Oferece subsídios para que terapeutas experientes possam reciclar seus conhecimentos e apropriar-se de ferramentas para a produção de conhecimento a partir de sua prática clínica.

HORÁRIOS/DATAS um sábado mensal
(data apresentada mensalmente no site)

Das 09h às 12h, discussão teórica;
das 14h às 17h, discussão/análise de casos clínicos
trazidos pelos próprios participantes do curso.

O SUJEITO E A ÉTICA NA ATUALIDADE¹

Roberto Alves Banaco

O SUJEITO

Quando um espermatozóide consegue romper a barreira de um óvulo e, dessa forma, o fecunda, os dois passam a ser (espermatozóide e óvulo), um ovo, com uma carga genética bastante especial (no sentido de ser única). Tal espermatozóide foi o mais rápido daquela emissão de espermatozóides. Encontrou, além de um óvulo maduro para recebê-lo, um meio propício para poder romper a membrana do óvulo. Este óvulo, por sua vez, maturou-se num tempo exatamente propício e migrou para a região da fecundação, exatamente quando uma relação sexual ocorreu e espermatozóides capazes de fecundá-lo estivessem presentes no tal ambiente propício.

Os dois unidos (espermatozóide e óvulo) – e ato contínuo em franca transformação – são considerados um ovo, e o início de um ser vivo (animal, mamífero). Esse ovo, se encontrar um meio propício para fixar-se no útero, e puder obter, dessa forma, a alimentação necessária para seu desenvolvimento, poderá tornar-se um embrião.

Caso essas condições permaneçam favoráveis, meio propício e embrião saudável, este tornar-se-á um feto e novamente, se tudo permanecer propício, ocorrerá o nascimento de um ser – que pode ser da espécie humana. O nascimento desse ser dependeu, até então, da relação de sua carga genética com o meio biológico propício para o seu desenvolvimento. A única ação possível do mundo sobre sua carga genética foi mantê-la viva ou rejeitá-la, sem, no entanto, ser capaz de modificá-la.

Após o nascimento, o ser humano, como membro de sua espécie e carregando sua carga genética, começa a agir no mundo, mais uma vez, modificando-o. No entanto, a modificação do mundo resultante dessa ação retroagirá sobre ela, tornando-a mais ou menos provável de voltar a acontecer.

Essa interação entre ser e mundo, tornando as ações tanto de um quanto de outro mais ou menos prováveis é que farão com que o “ser humano” torne-se uma pessoa. Pessoa esta entendida como única, não mais apenas porque sua carga genética era (e continua sendo) bastante particular, mas também porque sua interação com o mundo foi (é e será) exclusiva.

ROBERTO ALVES BANACO
é psicólogo clínico, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Psicologia Experimental. Foi presidente da ABPMC (gestão 1996/1997), e é editor da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva de 2002 a 2006.

¹ Este texto foi proferido no Encontro “O sujeito e a ética na atualidade”, promovido pelo Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região, em comemoração ao dia do Psicólogo, em 26 de agosto de 2000.

Uma grande parte do mundo no qual este indivíduo está inserido é composta por, além de eventos físicos, outros indivíduos que compõem o que chamaríamos de ambiente social. Por ser uma pessoa, com história genética e história de relação com o ambiente únicas, será um indivíduo que se distinguirá dos outros membros de sua espécie, cada um deles também único.

Uma das particularidades de indivíduos da espécie humana é a possibilidade de ser capaz de aprender, na interação com os outros indivíduos, a agir com suas cordas vocais – ser capaz de emitir uma ação vocal e, por meio dela, transformar as ações dos outros indivíduos com quem mantiver relação social.

Novamente a ação (agora vocal) do indivíduo passará a agir sobre o mundo social (apenas sobre aquela parcela do mundo formada pelos outros indivíduos de sua espécie), e esta ação e sua respectiva mudança no mundo social será chamada de comportamento verbal.

Conforme já foi descrito para outros comportamentos, a interação verbal entre indivíduo e outros indivíduos tornará mais ou menos provável a emissão de alguns comportamentos verbais.

Inicialmente, os indivíduos à volta de uma pessoa em formação tornarão mais e mais provável que ele fale sobre o próprio mundo. No início, o ambiente social agirá de forma que essa pessoa que está adquirindo controle sobre suas cordas vocais (um bebê) **nomeie** os elementos do mundo **que estão presentes**.

Em seguida, a ação do mundo fica mais exigente e solicita que a pessoa **descreva** algumas qualidades desses elementos nomeados. Logo depois, passa a ser solicitado que a pessoa **narre** as relações que observa entre os elementos presentes do mundo, e essas descrições tornam-se gradativamente mais complexas. Quando o indivíduo adquire este repertório de nomear, descrever e narrar eventos do mundo, dizemos que ele **conhece** o mundo”. O próximo passo

será solicitar nomeações, descrições e relações entre elementos **que não estão presentes** no momento do comportamento verbal, ao que podemos chamar de “contar histórias”.

Paralelamente a esse processo, o ambiente social fará com que o indivíduo que estamos acompanhando (agora como criança) fale de **si próprio** e comece também a falar de **sua própria relação com o mundo**. Ensinarão também a falar sobre como esse mundo afeta sua forma de agir no mundo e sobre a sua história passada. O indivíduo passará então a **conhecer a si próprio**, a ser consciente. Nesse sentido, é a relação verbal do indivíduo com os outros indivíduos do mundo que permite que ele se torne consciente de si. O que chamamos de “consciência” é, portanto, decorrência de interação social.

Com a descrição feita até o momento, acompanhamos várias situações nas quais o uso da palavra “sujeito” é adequado. O indivíduo que acompanhamos é

1. Sujeito enquanto alguém que é dependente, submetido a algo. Isto é observado em todas as vezes que esse indivíduo esteve submetido à ação do ambiente;
2. Sujeito enquanto o agente de uma oração (uma ação, um verbo): todas as vezes que foi descrito que a ação desse indivíduo modificou o mundo.
3. Sujeito enquanto indivíduo de uma espécie, que tem algo de individual, pessoal, particular, resultante de sua interação com o ambiente;
4. Sujeito quando colocado em contraposição a um objeto, enquanto alguém que conhece o objeto (o mundo);
5. E finalmente, sujeito enquanto resultante de uma subjetividade, alguém que é sujeito e objeto do conhecimento, alguém que conhece a si próprio.

Nesse mesmo sentido apresentado, a “Exposição de motivos do Código de Ética Profissional do Psicólogo” declara:

“Se o homem é um ser de relação, sujeito a contínuas mudanças na sua luta por ocupar, a cada momento, o espaço que lhe compete no mundo e se, ao mesmo tempo, ele é sujeito e o objeto de estudo da Psicologia, segue que em qualquer sistema ou Código só será real se sujeito, também ele, a essa transitoriedade que é própria do homem à procura de seu destino e significação”. (*CRP, 2000, pág.92*).

A transitoriedade é decorrente das interações entre indivíduos e entre estes e o mundo. O espaço que lhe compete é determinado também por essa interação, e seu destino e significação é de natureza social.

A CULTURA E A ÉTICA

Um indivíduo enquanto membro de uma espécie é beneficiado pela convivência com outros indivíduos. Já dizia um grande autor que

“Um organismo isolado num ambiente não-social não é capaz de adquirir um amplo repertório de comportamento (...) A presença de outros organismos é importante [para que isso aconteça](...)”. (*Skinner, 1995/1989, p. 73*).

Isto é especialmente verdade para a sobrevivência de uma espécie como a humana. Pouco do repertório de sobrevivência do ser humano depende de sua genética, e este não sobreviveria se não fosse cuidado por outros membros de sua espécie. A vida em grupo em geral aumenta a possibilidade de sobrevivência do indivíduo, e é esta sobrevivência do indivíduo que perpetuará a espécie.

O repertório genético é completado pela aprendizagem de novos repertórios na interação entre indivíduo e ambiente, ambos se comportando.

A interação de vários indivíduos humanos, um influenciando as ações do outro poderia ser chamada de uma cultura.

Uma cultura

“É um conjunto particular de condições no qual um grande número de pessoas se desenvolve e vive. (...) O nível geral de interesses dos membros do grupo, suas motivações e disposições emocionais, seus repertórios comportamentais, e na medida em que praticam autocontrole e autoconhecimento, tudo isso é relevante para a força de um grupo como um todo. Além disso, a cultura tem um efeito indireto sobre outros fatores. A saúde geral do grupo vai depender da taxa de natalidade, higiene, métodos e cuidados com as crianças, condições gerais de vida, horas e tipos de trabalhos, de quantos homens e mulheres de talento se dedicam à medicina e à enfermagem, da proporção de riqueza do grupo que é empregada na construção de hospitais, serviços públicos de saúde, etc.”. (*Skinner, 1989/1953, p. 403*).

Portanto, a cultura é uma série de eventos que em última análise são os comportamentos de vários indivíduos interagindo entre si e com o mundo físico. Ora, assumimos momentos atrás que cada indivíduo tem uma história de vida particular (o que interpretamos como a construção de uma pessoa), e podemos considerar, portanto, que seus repertórios comportamentais, suas habilidades e interesses sejam também particulares.

“Assim como as características genéticas que surgem como mutações são selecionadas ou rejeitadas” [pelos efeitos que produzem no ambiente], “também

NOVO FORMATO - EM MÓDULOS SEMESTRAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

ESTE NOVO FORMATO DE CURSO procura otimizar os recursos dispostos pelo Núcleo Paradigma, mantendo o mesmo corpo docente e a mesma qualidade de formação do curso de Especialização que já vinha sendo oferecido. A mudança é devida a solicitações de alunos que buscam a especialização em Clínica Analítico-comportamental e que têm dificuldades para dispor de um dia inteiro em horário comercial para seus estudos.

O CURSO VISA PROPORCIONAR um aprofundamento do conhecimento filosófico, conceitual, metodológico e tecnológico da análise do comportamento ao contexto clínico. O programa, organizado em quatro semestres, possui uma grade de disciplinas coesa e concisa, composta por 13 disciplinas, além da supervisão clínica e da orientação de monografia. **A FORMAÇÃO SE DARÁ EM QUATRO MÓDULOS SEMESTRAIS INDEPENDENTES, CADA UM DELES COMPOSTO POR 10 ENCONTROS QUINZENAIS.**

COORDENAÇÃO

Roberto Banaco, Denis Zamignani e Roberta Kovac

Aulas quinzenais às sextas-feiras das 17 às 22h
e aos sábados, das 8:30 h às 18 h

* a ocorrência desse curso estará sujeita a um número mínimo de alunos.

NOVO FORMATO - EM MÓDULOS SEMESTRAIS

NOVO FORMATO - EM MÓDULOS SEMESTRAIS

DISCIPLINAS:

- Conceitos Básicos da Análise do Comportamento • Avaliação Comportamental
- Técnicas da Análise do Comportamento aplicadas à clínica • Análise Aplicada da Interação Terapêutica • Interação Operante-Respondente e Comportamento Emocional • Bases biológicas do comportamento e noções básicas de psicofarmacoterapia • Pressupostos Filosóficos e História da Análise do Comportamento • A vida em grupo e a determinação cultural do comportamento
- Comportamento Verbal • Transtornos psiquiátricos e sua abordagem pela Análise do Comportamento • A Pesquisa como subsídio para o trabalho do terapeuta
- Metodologia de Pesquisa
- Seminários de Pesquisa.

SUPERVISÃO CLÍNICA

Além da supervisão em grupo, o curso contará também com a atividade de supervisão pública, a partir de um atendimento previamente filmado, na atividade denominada Análise Aplicada da Interação Terapêutica.

INÍCIO 02 DE MARÇO DE 2007

PROFESSORES e SUPERVISORES

Cássia Roberta da Cunha Thomas
Denis Roberto Zamignani
Denise Lima Oliveira
Joana Singer Vermes
Maly Delitti
Marcelo Costa Benvenuti
Maria das Graças Oliveira
Maria Martha Hübner
Miriam Marinotti
Nicolodemos Batista Borges
Nicolau Kuckartz Pergher
Paola Espósito de Moraes Almeida
Paula Suzana Gioia
Regina Christina Wielenska
Roberta Kovac
Roberto Alves Banaco
Sonia Beatriz Meyer
Yara Nico

as novas formas de comportamento [de um indivíduo] são selecionadas ou rejeitadas [por outros indivíduos]. Há ainda uma terceira espécie de seleção que se aplica às práticas culturais. O grupo adota um dado procedimento – um costume, um uso, um instrumento controlador – seja planejadamente ou através de algum evento que, na medida em que se refira ao efeito sobre o grupo, pode ser inteiramente accidental. Como característica do ambiente social essa prática pode afetar o sucesso do grupo na competição com outros grupos ou com o ambiente não-social”. (*Skinner, 1989/1953, p. 402*).

Há que se considerar, no entanto, que nem sempre o que é bom para o grupo ou para a cultura é bom para um indivíduo em particular. Mais do que isso, algumas vezes, o que é bom para um indivíduo não é bom para um grupo ou para a cultura na qual ele está inserido. Nessa situação aparece a ética como uma forma de controle do grupo sobre o comportamento individual.

Segundo uma grande amiga minha (Guedes, comunicação pessoal em tempos idos), se foi necessário para um grupo formular uma regra ética que impeça comportamentos de determinados indivíduos, é porque este comportamento é muito provável de acontecer e, embora traga boas conseqüências imediatamente para o indivíduo que o pratica, pode ser ruim para ele próprio em longo prazo e certamente será ruim para outros membros do grupo. (Não é à toa que aparece como manifestação cultural a pergunta “Será que tudo o que eu gosto é ilegal, é imoral ou engorda?”).

Da mesma forma, comportamentos pouco prováveis de acontecer porque não trazem imediatamente benefícios para o indivíduo serão estimulados pelas normas éticas de um grupo porque, em longo prazo, serão importantes para

esse grupo ou para o próprio indivíduo. Esta seria a ética do “Um por todos e todos por um”, ou “Não faça a outrem o que não gostaria que fizessem a si”.

O comportamento ético descrito então como resultante de um conflito entre benefícios individuais imediatos e benefícios para o grupo já seria um problema em si; no entanto, ao considerá-lo, deparamo-nos com outros problemas não menos importantes. Estes poderiam ser representados por algumas perguntas.

Uma delas é “quem deve determinar as regras do comportamento ético?” Aparentemente esta seria uma pergunta simples de responder. A resposta seria: o grupo! Esta resposta, porém, esconde uma característica grave e perigosa se não for levada em consideração: o grupo é constituído de indivíduos se comportando. Determinar ou formular regras de ética são comportamentos emitidos por determinados indivíduos, e, portanto, sujeitos eles próprios a todas as variáveis de controle já expostas.

Dessa forma, por meio de uma análise mais cuidadosa do raciocínio exposto, podemos perceber que nem todos os membros do grupo estarão aptos a formularem regras éticas. De alguma maneira o(s) indivíduo(s) que formulasse(m) essas regras precisariam ter a habilidade de “conhecer o grupo” para poder saber que comportamentos individuais poderiam ser prejudiciais a alguns membros do grupo (ou ao próprio grupo como um todo) e ainda, ter um conhecimento que proporcionasse uma certa “previsibilidade” para saber que determinados comportamentos individuais levariam a conseqüências indesejáveis no futuro.

Os indivíduos que formulam regras de ética também deveriam ser capazes de prever quais comportamentos deveriam ser estimulados nos indivíduos para que, em longo prazo, o grupo saísse beneficiado. Não é à toa que em muitas culturas inseridas em condições ambientais razoavelmente estáveis e restritas,

quem determina quais comportamentos são éticos são os membros de maior idade e/ou maior experiência de vida.

Uma outra característica decorrente da análise acima é que os indivíduos que formulariam as regras do comportamento ético deveriam estar mais controlados pelos benefícios trazidos ao grupo como um todo do que pelos benefícios trazidos para si próprios em curto prazo. Novamente deveriam deter um conhecimento de várias histórias passadas, em situações razoavelmente estáveis, que pudessem ajudar a prever o futuro do grupo. Esta condição tornaria esses indivíduos mais capazes de serem controlados por eventos que não estivessem presentes no momento.

Considerando o que tenho exposto, numa cultura variada e complexa como a nossa, decorrente e causadora de tantas mudanças num período de tempo tão curto, seria quase impossível que “experiência de vida” tornasse um indivíduo ou grupo de indivíduos capazes de preverem condutas que seriam, em última análise, boas para o grupo e para os indivíduos membros desse grupo.

Apenas o desenvolvimento do conhecimento sobre a diversidade da cultura, e sobre o comportamento dos indivíduos e suas conseqüências, seria capaz de instrumentalizar alguns indivíduos a proporem regras de ética.

Esta idéia não é minha nem tampouco é original – ela já esteve contida em propostas anteriores de que as pessoas instrumentalizadas por esse conhecimento – os psicólogos – fossem os responsáveis pelo planejamento de uma cultura. (Skinner, 1977/1948).

Outras perguntas decorrentes da constatação da necessidade de um comportamento ético seriam:

Quem controlará o comportamento ético? Entenda-se o controlar como: quem julgará se um comportamento é ético ou não e o que fazer para que um indivíduo passe a emitir um comportamento

ético? Como conseqüenciar um comportamento não ético?

E aqui encontramos mais e maiores problemas. Eles podem ser resumidos por uma colocação de Sergio Luna em outra oportunidade:

“A complexidade dos sistemas sociais transformou rapidamente prescrições éticas em leis fiscalizadas por um poder capaz de vigiar e punir, os preceitos divinos em pecado punido com o fogo do inferno e assim por diante. Mesmo nos círculos mais restritos, o poder de sanção das normas não pode ser desprezado. (...)”.

Ou seja, para controlar o comportamento ético as culturas criaram várias agências: o governo, a religião, o controle econômico, a educação. As agências de controle de um indivíduo em grupo descrevem comportamentos legais e ilegais (no caso dos governos e das leis), em comportamentos certos e errados ou virtuosos e pecaminosos (nos casos das religiões e da moral). Mais do que isso, ensinando auto-observação e autocontrole a cada um de seus indivíduos, a cultura conseguiu fazer deles seus representantes e juizes. Estes, através do comportamento “consciente” deveriam ser capazes de dizerem se o que fizeram é certo ou errado, legal ou ilegal, virtuoso ou pecaminoso.

A ATUALIDADE

As agências de nossa cultura, em geral têm sido capazes de prever e declarar apenas as conseqüências para os comportamentos indesejados. Essas conseqüências tomam a forma de ameaça na maioria das vezes: são sanções e punições. Com elas, apareceriam, em tese, os sentimentos de vergonha e culpa e, tanto as ameaças quanto os sentimentos provocados por elas levariam os indivíduos a se comportarem eticamente.

Essas mesmas agências têm sido incapazes de apontar os benefícios dos comportamentos desejados, a não ser o benefício de que estes previnem a ocorrência das punições previstas para os outros comportamentos.

Esta condição cultural cria um sério problema: a condição de viver em esquiva de situações aversivas e a conseqüente insatisfação de viver em grupo. Isto, de certa maneira, diminui a probabilidade da emissão de comportamentos de auxílio a quem aplica as sanções, ou seja, diminui a chance de que comportamentos éticos sejam apresentados. Apresenta também como conseqüência uma tendência gradativa de que as pessoas procurem trabalhar, morar, estudar, enfim, viver isoladamente e se preocupar cada vez mais apenas consigo próprias.

A esta tendência costumamos denominar de individualismo, e ela tem sido valorizada em várias profissões e práticas culturais, fomentadas pela competição. Esta forma de comportamento por vezes, é justificada por uma ética do tipo “Cada um por si e Deus para todos”, absolutamente incompatível com a ética do “Um por todos e todos por um”.

Por meandros bastante conhecidos, mas muito difíceis de serem apresentados no pouco espaço que me resta neste texto, esse tipo de conduta individualista, exercida principalmente por parte dos indivíduos que compõem as agências controladoras, acaba distorcendo o comportamento ético e provocando uma ruptura entre as normas estabelecidas e as conseqüências anunciadas como forma de controle.

Por esta razão, na atualidade, tem sido possível que os indivíduos do grupo observem que nem sempre os comportamentos antiéticos são punidos, apesar das normas e sanções declaradas. É como se as normas éticas perdessem sua função de organizarem a vida em grupo de forma a levarem todos os indivíduos, e mesmo o grupo, a terem sucesso em longo prazo. O observado é que quem age eticamente acaba privado de suas satisfações pessoais e imediatas,

e também das satisfações que seriam trazidas, futuramente, para o bem do grupo social.

Como efeito, temos observado cada vez mais freqüentemente indivíduos que se comportam de forma a parecerem éticos (mimetizando seu comportamento antiético). Com isto, escapam das sanções declaradas e podem obter aquilo que é bom para si próprios imediatamente. Não se comportam de forma ética, no sentido de buscar o bem-estar do grupo e, em última análise, o seu próprio bem-estar. Garantem, com seu comportamento, seu bem-estar imediato, esquivam-se das possíveis punições e não estão sob controle das conseqüências futuras deste tipo de comportamento.

Um exemplo claro disto é a alta freqüência de casos de patologias sociais, que em última análise podem ser encarados como comportamentos antiéticos. Como estudiosos do comportamento humano e das culturas, conhecemos o resultado deste padrão: outras culturas já sucumbiram quando seus indivíduos não foram capazes de se comportarem eticamente.

O PAPEL DO PSICÓLOGO

Nossa profissão tem uma função social. Ela apareceu para resolver problemas decorrentes da punição envolvida na vida em grupo. O psicólogo lida com frustrações, culpas, vergonhas, inabilidades, rejeições, impotências, etc. (a lista seria interminável). Lida também com as relações entre o que o indivíduo faz e as situações que provocam todos esses problemas.

As agências controladoras punem os comportamentos socialmente indesejáveis (que são, em grande parte, exatamente aqueles que trazem satisfação pessoal imediata). A psicoterapia, por sua vez, é uma instituição criada para tornar o indivíduo apto a enfrentar os subprodutos dessas punições. Portanto, além da lista citada há pouco, a psicoterapia trabalha, também, com conflitos.

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS DA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Grupo de estudos que visa à discussão e ao aprofundamento de temas emergentes na Clínica Analítico-Comportamental, tais como a aplicação dos estudos sobre comportamento verbal à prática clínica, bem como novos conceitos e modelos teóricos e também a discussão de casos clínicos à luz dos conceitos estudados. As discussões serão desenvolvidas a partir de artigos e livros recentes, especialmente aqueles que enfatizam a interação entre aspectos conceituais e empíricos e a prática do terapeuta analítico-comportamental.

COORDENAÇÃO

Denis Zamignani, Joana S. Vermes e Roberta Kovac

PÚBLICO-ALVO: estudantes de Psicologia, psicólogos e profissionais de saúde.

FORMATO: 20h às 21h30 discussão teórica. 21h30

às 23h discussão de casos clínicos. Encontros semanais às quartas-feiras, das 12 às 21:30h

INÍCIO EM OUTUBRO/06.

Para enfrentar esses problemas, o psicoterapeuta é um indivíduo capaz de tornar o indivíduo com o qual trabalha em “sujeito de seu mundo” e “sujeito em seu mundo”. É capaz de levá-lo a conhecer o mundo e a si próprio, e desta maneira, capaz de promover uma forma de se comportar, a qual poderíamos chamar de “levar uma vida melhor”.

Somos capazes de fazer isto, porque construímos, enquanto profissionais, conhecimento a respeito do mundo e do comportamento, o que nos torna aptos a prevermos e propormos melhores formas de vida.

A psicologia surgiu da necessidade de promover alívio ao sofrimento resultante de relações coercitivas. Hoje a psicologia sabe, além disso, descrever comportamentos que levem, ainda que em longo prazo, a benefícios.

Seríamos nós, psicólogos, capazes de estabelecer regras éticas? Certamente sim, porque conhecemos histórias de vida, formas de relações estabelecidas entre indivíduos e mundo, e as conseqüências dessas relações.

Seríamos os responsáveis pela instalação e manutenção dessas regras? Sim, mas não seríamos capazes dessa tarefa sozinhos. Através de nossas análises podemos demonstrar, aos outros

membros da cultura, as conseqüências benéficas em longo prazo do comportamento ético e, dessa forma, colocá-los sob controle do que está por vir. Estaríamos assim, ao mesmo tempo emitindo e promovendo o comportamento ético.

Para finalizar, afirmo que a vida em grupo ainda vale a pena, apesar de conhecemos diversos resultados do controle coercitivo envolvido neste estilo de vida. Nosso conhecimento pode proporcionar o planejamento de condições mais felizes. ■

REFERÊNCIAS:

- Conselho Regional de Psicologia (2000). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*.
- Luna, S.V. (1997) O terapeuta é um cientista? In Roberto Alves Banaco (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição – Vol. 1 – Aspectos Teóricos, Metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista.*, Capítulo 31, 305-313. Santo André: Arbytes.
- Skinner, B. F. (1989) *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes. 9ª ed. Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi (Publicado originalmente em 1953).
- Skinner, B. F. (1995). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Papyrus. Tradução de A. L. Neri (Publicado originalmente em 1989).
- Skinner, B.F. (1977). *Walden II*. São Paulo: EPU. (Publicado originalmente em 1948).

INTRODUÇÃO À TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL

COORDENAÇÃO
Joana Singer Vermes

O CURSO OFERECE ALGUNS SUBSÍDIOS DA TEORIA EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E DAS ESTRATÉGIAS DERIVADAS DESSA TEORIA PARA O TRABALHO DO TERAPEUTA INFANTIL.

HORÁRIOS/DATAS
21/10, 22/10, 18/11 e 19/11, das 8h30 às 17

- Organização de materiais e sala para terapia infantil
- Condução das primeiras sessões
- A relação terapêutica com a criança
- Algumas técnicas operantes para terapia infantil
- Utilização de desenhos e fantasias
- Manejo de problemas relacionados ao déficit de atenção e hiperatividade; problemas escolares; transtorno obsessivo-compulsivo, depressão, fobias, transtornos invasivos de desenvolvimento; alimentação; sexualidade e; agressividade infantil
- Orientação familiar
- Questões éticas na terapia infantil.

“Psicologia das Habilidades Sociais na Infância” de Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

Nicodemos Batista Borges¹

A obra “*Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*” é de autoria de Zilda e Almir Del Prette, doutores em psicologia e professores da UFSCar e da USP/Ribeirão Preto. Os autores são reconhecidos nacionalmente na área à qual o livro se refere - habilidades sociais - tendo diversas obras publicadas, trabalhos orientados e apresentações em congressos.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, abordam-se a importância das habilidades sociais, suas bases conceituais e suas especificidades para o universo infantil. Na segunda, debruça-se sobre o planejamento de programas de treinamento de habilidades sociais e a importância das vivências neste procedimento. Na terceira parte, há um aprofundamento das habilidades sociais mais relevantes (na perspectiva dos autores) e a descrição de vivências que podem ser aplicadas no desenvolvimento destas competências.

O primeiro dos quatro capítulos que compõem a primeira parte discute os problemas da sociedade moderna, os transtornos psiquiátricos, suas correlações com o déficit de habilidades sociais e seus efeitos sobre as crianças. O capítulo traz, também, a proposta do Treino de Habilidades Sociais (THS) como um instrumento capaz de desenvolver as competências sociais promovendo uma melhor qualidade de vida.

NICODEMOS BATISTA BORGES

é psicólogo clínico no Núcleo Paradigma, especialista em Terapia Comportamental e Cognitiva e Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento.

¹ Contato: nicobborges@yahoo.com.br

EDUCAR

A BUSCA PELA FORMAÇÃO DE UM SER HUMANO

Ao longo do tempo a sociedade busca modelos educacionais para lidar com suas crianças. Após um longo período de educação *pater familiae* (pai como autoridade máxima), sucedeu-se uma nova proposta educacional - na qual a severidade habitual foi substituída pela liberdade inconseqüente - adotando total falta de limite e permissividade, com a justificativa de não traumatizar as crianças.

Hoje a educação dos filhos é um problema muito comentado entre pais e educadores, estes apresentam dificuldades em entender determinadas ações da criança, em se fazer obedecer e resolver os conflitos que surgem na relação, manifestando sentimento de insegurança, medo e culpa no trato com os filhos. Talvez a grande questão seja: como promover uma educação “**adequada**”, sem que precisemos voltar ao modelo tradicional? Este curso pretende ajudar pais e educadores na difícil tarefa de educar crianças. Trazendo uma nova maneira de lidar com seus comportamentos. O curso não tem como objetivo produzir “**milagres**”, mas ensinar a entender e lidar com o comportamento.

DURAÇÃO: 20 horas

(distribuídas em 8 encontros)

DATAS: 03, 10, 17, 24 e 31 de outubro
07, 14 e 21 de novembro de 2006.

HORÁRIO 19:30 às 22:00

PÚBLICO-ALVO: Pais, educadores
e interessados

INSCRIÇÕES: (11) 3675-7944

COORDENAÇÃO

Denise de Lima Oliveira

PALESTRANTES:

Denise de Lima Oliveira

Joana Singer Vermes

Nicodemos Batista Borges

Nicolau Pergher

LOCAL: Rua Vanderlei, 611 - Perdizes

O segundo capítulo, *“Base conceitual da área das habilidades sociais”*, como o próprio nome informa, apresenta e discute os conceitos pertinentes no campo das habilidades sociais e é uma boa via para interessados em ingressar no estudo da área.

No terceiro capítulo, *“Habilidades sociais relevantes na infância”*, discutem-se classes, subclasses e interdependência entre classes de habilidades sociais, além de apresentar uma tabela com as sete classes prioritárias (Tabela 1), as quais, na terceira parte do livro, merecerão capítulos exclusivos que retomarão suas discussões, aprofundando-as e apresentando propostas de intervenção. O capítulo é mais relevante para pesquisadores, entretanto os clínicos podem optar por observar apenas a Tabela 1, pois, como mencionado acima, cada uma das classes nela apresentada será discutida posteriormente, dispensando sua leitura.

O quarto capítulo, *“Aprendizagem de habilidades sociais na infância”*, é leitura obrigatória; nele se discute o desenvolvimento ou não das competências sociais, sendo estas produto da interação da criança com seu meio (familiares, escola, creche, etc). Os autores declaram a necessidade de identificar-se às dificuldades específicas do repertório social de cada infante, sendo essa uma condição essencial para o planejamento da intervenção. O capítulo traz ainda uma lista de fatores que podem contribuir na identificação desses déficits, o que é excelente tanto para o clínico como para o pesquisador.

A segunda parte do livro dedica-se ao programa de treinamento de habilidades sociais e está dividido em dois capítulos, quinto e sexto.

O capítulo *“Planejamento do programa de treinamento de habilidades sociais”* serve como um verdadeiro manual para se planejar a intervenção. Nele é possível encontrar sugestões sobre estrutura do grupo, tais como composição, tamanho, duração; avaliação pré e pós-intervenção (entre-

vistas, escalas, etc); objetivos; e procedimentos. Além disso, ele levanta possibilidades que podem interferir negativamente no programa.

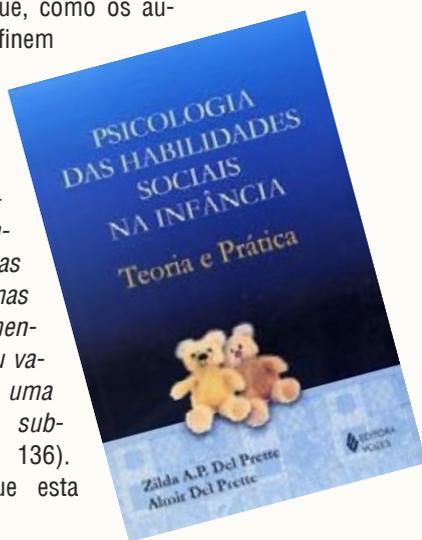
No sexto capítulo, *“Vivências em habilidades sociais para crianças”*, é apresentada a estrutura de uma vivência, sua importância para o THS, requisitos que o facilitador deve ter para utilizá-las, sugestões de como elas devem ser selecionadas, organizadas e conduzidas.

Na terceira e última parte da obra, os autores apresentam sete capítulos, cada um dedicado a uma habilidade social considerada relevante. Esses capítulos têm como características comuns o aprofundamento das discussões sobre a habilidade em questão e a apresentação de vivências como sugestão de intervenção para o desenvolvimento das competências.

O sétimo capítulo, *“Autocontrole e expressividade emocional”*, fala da importância de ensinar as crianças a reconhecerem emoções (próprias e dos outros), e de como os psicólogos, pais e educadores devem agir para auxiliá-las nesta tarefa.

O oitavo capítulo, *“Habilidades de civilidade”*, trata da classe de habilidade social nomeada a “civilidade”, que, como os autores bem definem

logo no primeiro parágrafo, *“pode ser entendida como a expressão comportamental das regras mínimas de relacionamento aceitas e/ou valorizadas em uma determinada subcultura.”* (p. 136). Discute-se que esta



habilidade tinha seu ensino delegado à família, principalmente à mãe, e que, com os novos rumos da cultura, tem passado para as instituições como creches e escolas. Apontam-se ainda, os possíveis problemas que conduzem a este déficit.

No nono capítulo, “*Empatia*”, os autores discutem o conceito de “empatia” a partir de uma perspectiva histórica, introduzindo-a como parte integrante das habilidades sociais e apresentando-a operacionalmente. Ainda neste capítulo, os autores trazem uma discussão a respeito do desenvolvimento da empatia e da necessidade de pais e educadores servirem como modelos na instalação deste repertório.

O décimo capítulo, “*Assertividade*”, qualifica esta competência social, discute as conseqüências do comportar-se de maneira assertiva. Propõe o treino do pensamento assertivo, que consiste de pensar assertivamente, porém, avaliar a conseqüência de comportar-se assertivamente antes de agir.

O décimo-primeiro capítulo inicia com uma breve introdução e se direciona para discussão da integralização da “solução de problemas interpessoais” como parte das habilidades sociais, caracterizando-a e apresentando alguns princípios essenciais desta classe. Aponta como habilidades necessárias para ser socialmente competente na solução de problemas interpessoais: admitir a existência de um problema, identificá-lo, definir objetivos ou metas, formular alternativas de solução, prever conseqüências e escolher uma alternativa, implementar a alternativa escolhida e, por fim, avaliar os resultados.

O penúltimo capítulo, “*Fazer amizades*”, fala de estatísticas sobre amizade, discorre sobre a importância desta competência social para o desenvolvimento do infante, alerta para a necessidade de monitoramento das amizades das crianças, e observa condições que facilitam o fazer amiza-

des e habilidades importantes na sua construção e manutenção.

O décimo-terceiro capítulo, “*Habilidades sociais acadêmicas*”, apresenta uma discussão sobre habilidades sociais e rendimento acadêmico. Neste ínterim, discutem-se características de crianças com problemas de aprendizagem e relações possíveis entre desempenho escolar e social. Ainda neste capítulo, os autores sugerem meios pelos quais algumas competências sociais podem facilitar o desempenho acadêmico e listam as principais habilidades sociais acadêmicas.

Méritos devem ser dados aos autores por conseguirem impor à obra um caráter bastante didático. O livro possui capítulos que permitem ao leitor estudar cada tema separadamente, sem necessariamente acompanhar todo o livro. Além disso, ele aponta os tópicos importantes ao longo do texto, por meio de quadros em destaque, o que facilita uma busca rápida, quando esta é necessária. Ademais, os autores utilizam uma linguagem simples, possibilitando uma leitura fácil e prazerosa. Com estas características, o livro se constitui um importante instrumento acadêmico, porém não só, sendo também muito útil como um manual para psicólogos que trabalham com crianças, seja no contexto clínico ou escolar. A obra compreende ainda uma excelente fonte de referências bibliográficas, contando com mais de duas centenas de referências da área. ■

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TRABALHO

Lívia F. Godinho Aureliano

Uma das áreas que vêm ganhando força e chamando a atenção de muitos analistas aplicados do comportamento é a área organizacional, conhecida também como OBM (*Organizational Behavior Management*).

Apesar do crescimento significativamente rápido e de muitas produções científicas, ainda existem muitos analistas do comportamento que desconhecem os possíveis tipos de atuações nesta área. No entanto, o ambiente organizacional, com seus processos e problemas, não diferem em nada no que diz respeito a sua constituição. Isto quer dizer que, para se estudar, analisar e intervir em contextos organizacionais, os analistas do comportamento não precisam buscar, muito menos criar, novos princípios e conceitos além daqueles que constituem o corpo teórico da Análise do Comportamento.

As principais atividades desenvolvidas pelos psicólogos que trabalham em Recursos Humanos são velhas conhecidas: Treinamento, Recrutamento e Seleção, Levantamento de Competências, Políticas e Normas de RH, dentre outras. Se analisarmos cada uma destas atividades, concluiremos que todo o instrumental teórico-metodológico da Análise do Comportamento contempla a realização de tais atividades. Estamos falando aqui que, qualquer atividade que envolva comportamento humano, para que haja intervenção eficiente, necessita de uma *análise das contingências* presentes, e neste caso, muitas vezes, estamos falando de múltiplas contingências entrelaçadas (*metacontingências*); *identificação das variáveis* (estímulos reforçadores, discriminativos) que controlam e mantêm determinados problemas como, por exemplo, absenteísmo, questões relacionadas a atendimento ao cliente, baixa produtividade e problemas interpessoais no ambiente de trabalho.

LIVIA GODINHO AURELIANO
é consultora em psicologia
organizacional e recursos
humanos no Núcleo Paradigma,
além de psicóloga clínica. É
especialista em Terapia Cognitivo-
Comportamental e em Medicina
Comportamental e mestranda em
Psicologia Experimental: Análise
do Comportamento

No entanto, apesar dos comportamentos e estímulos com os quais se trabalha em organizações não serem de natureza diferente de quaisquer outros comportamentos e estímulos envolvidos em interações sociais, os analistas do comportamento enfrentam grandes problemas na aplicação dos princípios da AC nas organizações. Em primeiro lugar, muitos dos trabalhos realizados que são chamados de comportamentais (por exemplo, treinamento comportamental, análise comportamental das relações de trabalho), utilizam apenas parte dos princípios comportamentais, não podendo ser chamados de análise do comportamento (Guerin, 1991). Estes trabalhos incluem, por exemplo, intervenções que utilizam de forma incorreta o princípio do reforçamento, nas quais são disponibilizadas recompensas para os funcionários sem a realização de uma análise das contingências em vigor. São assumidos reforçadores a priori, como dinheiro, que são utilizados a fim de fortalecer ou enfraquecer comportamentos.

Um segundo problema, apontado por Guerin, 1991, é a dificuldade de se **aplicar** os princípios da AC nas organizações. Isto ocorre, segundo este autor, não porque faltam pesquisas ou instrumentos, mas sim porque a AC apresenta uma proposta nova de intervenção comparada àquelas que já são utilizadas por consultores e psicólogos organizacionais. Esta diferença está, principalmente, na necessidade de análises minuciosas das variáveis controladoras para que se proponham intervenções efetivas, e não apenas breves análises de contingências de dois termos (causa-feito) e necessidades de *feedback*, o que (1) impacta muitas vezes com as expectativas das empresas de que os problemas sejam resolvidos rapidamente, com intervenções

breves e gerais, sem a necessidade de inserções mais profundas no cotidiano das organizações e, também, (2) impacta em termos financeiros, pois análises mais criteriosas demandam, muitas vezes, mais tempo, o que implica em maior custo para as organizações. E, (3) não se pode ignorar o fato de que a área de Recursos Humanos, ainda hoje, é vista por muitas organizações como supérflua e irrelevante, sendo tratada como um “mal necessário” e apenas como um centro de custo.

Assim, apesar de os analistas do comportamento disponibilizarem instrumentos e conhecimentos necessários para intervenções em organizações, ainda são muitos os desafios a serem superados, pelo menos no que diz respeito ao Brasil - pois se deve considerar e tentar mudar a regra já construída de que problemas que envolvem comportamento no ambiente de trabalho são independentes de toda a engrenagem organizacional - e que investimento nesta área não é apenas custo, mas sim é sinônimo de maior produtividade e, conseqüentemente, maior retorno financeiro. ■

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Guerin, B. (1991). Behavior Analysis of Particular Groups and Social Issues. *Analyzing Social Behavior*. Reno, NV: Context Press.

NOVOS CURSOS NO NÚCLEO PARADIGMA

VOLTADOS À ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Os cursos oferecidos pelo NÚCLEO PARADIGMA têm como principal característica o ajuste dos temas e das atividades propostas à realidade vivida pelas organizações e às demandas de cada grupo de participantes. Assim, são realizadas avaliações junto aos clientes para definir quais os principais objetivos dos cursos e os principais temas que serão abordados. Os cursos podem ser ministrados “*in company*” ou na sede do Núcleo

ALGUNS DOS CURSOS OFERECIDOS

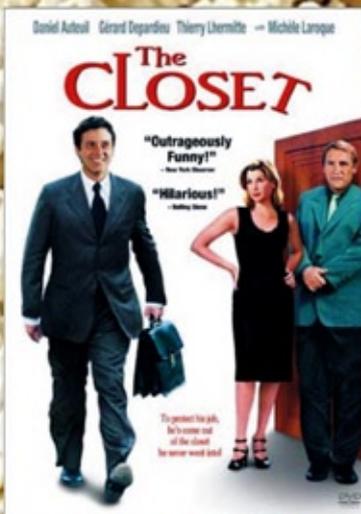
- **COMO PREVENIR CONFLITOS INTERPESSOAIS**
- **EXCELÊNCIA NO ATENDIMENTO**
- **ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO**
- **RELAÇÕES HUMANAS NO TRABALHO:**
- **COMO FAZER APRESENTAÇÕES EFICAZES**
- **GERENCIAMENTO DO ESTRESSE E RESILIÊNCIA**
- **FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE EQUIPES TEAM BUILDING**
- **PROGRAMA DE QUALIDADE: 5S**
- **RELACIONAMENTO INTERPESSOAL COM CLIENTES INTERNOS E EXTERNOS**
- **MARKETING PESSOAL E A VALORIZAÇÃO DA IMAGEM**
- **FATOR HUMANO COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO**
- **LIDERANÇA PARA RESULTADOS**

cinema paradigma

O Projeto Cinema Paradigma foi criado com o intuito de abrir as portas do Núcleo Paradigma para a comunidade, oferecendo um pouco das contribuições da psicologia para a compreensão dos fenômenos do cotidiano. Ao mesmo tempo, contribui mensalmente com alimentos para a Fraternidade Irmã Clara.

O Cinema Paradigma é um projeto que busca utilizar filmes como meio de reflexão e interpretação de temáticas relevantes, sob a ótica da Teoria Analítico-comportamental. A partir da apreciação de boas obras do

cinema, profissionais de destaque na Análise do Comportamento com suas discussões sobre temas de nossa cultura e sociedade representados em tais produções. As sessões ocorrem sempre no **último sábado do mês às 14 h** (esta data pode ser modificada, portanto confira no site) **com 2 horas para debate** e para a inscrição solicitamos um quilo de alimento não-perecível, ou uma lata de leite ninho. Como as vagas são limitadas, solicitamos que os interessados inscrevam-se com antecedência no site do Núcleo Paradigma.



COORDENAÇÃO: ROBERTA KOVAC

Junho: **Melhor é Impossível**, com Gisa Baumgarth.
Julho: **Ligações Perigosas** com Roberto Banaco
Agosto: **Homem Aranha** com Nicolau Pergher
Setembro: **Geração Prozac** com a psiquiatra Dra. Maria das Graças de Oliveira.

PRÓXIMAS SESSÕES:

28 de outubro: O CLOSET. Debate sobre o tema "Gerenciamento de Pessoas no Trabalho", com a psicóloga e consultora Lívia Godinho.
25 de novembro: A GRANDE SEDUÇÃO. Debate sobre o tema "o cinema como meio para o estudo das relações comportamentais", com as psicólogas Aldaísa Vidigal Marmo e Gisa Baumgarth.
27 de janeiro de 2007: PROCURANDO NEMO. Debate sobre o tema "Discutindo as Relações Pais e Filhos", com a psicóloga clínica Joana Singer Vermes.

O PROBLEMA OBSESSIVO-COMPULSIVO E AS DIFICULDADES DE HABILIDADES SOCIAIS A PARTIR DO FILME *MELHOR É IMPOSSÍVEL*

Gisa Baumgarth

Lançado em 1997, o filme *Melhor É Impossível*, é baseado em história de Mark Andrus e dirigido por James L. Brooks. Tem Jack Nicholson e Helen Hunt como protagonistas.

Além de ser uma excelente diversão, *Melhor é Impossível* vem sendo amplamente utilizado como material para ensino e discussão sobre o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). De fato, o personagem de Jack Nicholson (Melvin Udhal) apresenta padrões de comportamento que podem ser claramente classificados como obsessivo-compulsivos. Entre eles: lavar as mãos em água quente, com um sabonete para cada lavada, usar talheres descartáveis em restaurantes, trancar e destrancar portas em determinado número de vezes, evitar pisar sobre linhas dos pisos, entre outros.

No entanto, esse filme oferece bem mais do que demonstrações do padrão obsessivo-compulsivo. Os personagens, principais e coadjuvantes, nos oferecem exemplos de comportamentos bastante abrangentes, tanto no que se refere à história e funcionamento individuais quanto a padrões de relações interpessoais.

Mark Andrus criou a personagem Melvin com tal sensibilidade, que foi capaz de nos apresentar não apenas uma boa descrição de uma pessoa que apresenta comportamentos obsessivo-compulsivos, mas também um homem sensível e criativo, que possui um acentuado déficit de habilidades sociais.

Quando em relação com pessoas, o repertório de Melvin é basicamente o de fuga/esquiva. Age de forma agressiva, preconceituosa, egoísta, covarde e grosseira. Com isso, produz como consequência o afastamento das pessoas – estas, por sua vez, também agem sob controle de reforçamento negativo, fugindo ou se esquivando do contato com ele. No entanto, isolado em seu apartamento, ele escreve romances que são um sucesso de venda. Sabe criar bons relacionamentos na teoria, mas não reage de forma apropriada às contingências sociais. Em vá-

GISA BAUMGARTH

é Psicóloga Clínica e

Especializanda em Clínica

Análítico-Comportamental

pelo Núcleo Paradigma

ESTRATÉGIAS COMPORTAMENTAIS PARA O TRATAMENTO DO TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

O TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO é caracterizado por um quadro multifacetado, cujo manejo exige grande habilidade e criatividade por parte do profissional cuidador. A técnica de exposição com prevenção de respostas tem sido a mais recomendada para lidar com esse transtorno. Seu uso, juntamente com outras estratégias analítico comportamentais, pode proporcionar um sucesso considerável na redução dos sintomas obsessivo-compulsivos, especialmente quando acompanhado de uma boa análise das variáveis envolvidas no caso clínico. O presente curso tem como objetivo apresentar algumas estratégias para o manejo do TOC, com destaque para as variações do uso da técnica de exposição com prevenção de respostas aplicadas a cada grupo de sintomas. Além disso, um panorama sobre as variáveis mais relevantes para a consideração sobre o seu uso e o melhor delineamento do tratamento será apresentado.

TÓPICOS

- TOC: quadro clínico, diagnóstico e tratamento farmacológico.
- Variáveis importantes para a decisão sobre o uso de técnicas comportamentais no tratamento do TOC.
- O TOC infantil: Características específicas e estratégias de manejo.
- Etiologia e tratamento de comportamentos obsessivo-compulsivos relacionados à superfície da pele: Dermatotilexomania (skin picking), contaminação, lavagem e obsessões "sensoriais".
- Obsessões religiosas e sexuais e o manejo de rituais encobertos.
- O manejo das dúvidas obsessivas com rituais de verificação e contagem.

DOCENTES

Táki Athanássios Cordás

DEPARTAMENTO DE PSIQUIATRIA DA FMUSP
COORDENADOR GERAL DO AMBULIM.

Roberto Alves Banaco

NÚCLEO PARADIGMA
PUCSP

Joana Singer Vermes

NÚCLEO PARADIGMA

Paola Espósito de Moraes Almeida

NÚCLEO PARADIGMA

Denis Roberto Zamignani

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
NÚCLEO PARADIGMA

Roberta Kovac

NÚCLEO PARADIGMA
FAAP

DATAS

24 e 25

de novembro de 2006

HORÁRIOS

24/11

das 19 às 22:30 h;

25/11

das 09 às 18:30 h

rias cenas, podemos observar que Melvin apresenta enorme dificuldade em nomear seus sentimentos e reagir favoravelmente a situações emocionais e afetivas; age de forma confusa quando é exposto a estímulos emocionais internos (estados corpóreos) e externos (estímulos públicos). A composição do personagem é tão bem cuidada, que nos permite ter acesso a aspectos de sua história de reforçamento, possivelmente importantes para a instalação de tal padrão comportamental. Seu passado incluiu um tipo de punição específico: a punição emitida por pessoas afetivamente importantes. Uma vez que o uso de punição faz com que o agente punidor se torne um estímulo aversivo condicionado e, uma vez que essa punição tenha ocorrido em alta frequência em diferentes situações, podemos supor que o controle discriminativo relacionado às contingências aversivas tenha sido generalizado para outros estímulos (para outras pessoas ou mesmo o próprio indivíduo), o que explicaria tal confusão na discriminação dos sentimentos, próprios e alheios, e a inabilidade no manejo de situações sociais.

Contracenando com Jack Nicholson, temos a atriz Helen Hunt. Numa atuação magnífica, ela nos traz uma personagem encantadora. Carol, garçõete e mãe solteira, tem de sobra o que falta em Melvin. Seu repertório social é sofisticado: demonstra excelente capacidade de observar estímulos sociais e amplo repertório de expressão de sentimentos e, com isso, consegue, de fato, agir assertivamente. Revela ter sido exposta com sucesso a uma boa história discriminativa nesta área; é sensível a sinais bastante sutis nas interações sociais.

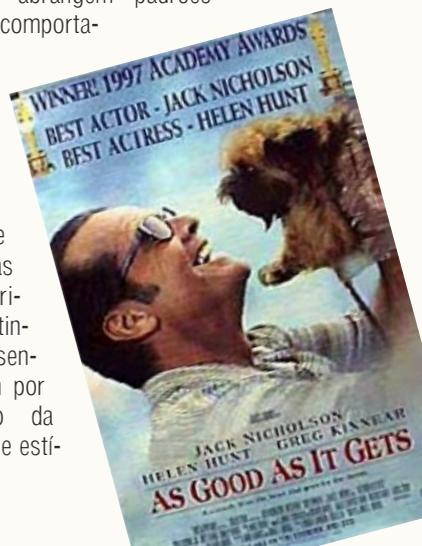
Aqui, também, o escritor, Mark Andrus, nos oferece informações sobre possíveis variáveis envolvidas no desenvolvimento deste repertório: aprendizado decorrente do relacionamento com sua mãe Beverly (Shirley Knight) e com seu filho Spencer (Jesse James). A mãe demonstra ser bastante hábil para estabelecer e manter relações satisfatórias. Podemos supor que tenha funcionado como um modelo eficaz de interação social afetiva e acolhedora para sua filha Carol. Além disso, a personagem de Shirley Knight apresenta também um repertório muito bom para

o ensino da discriminação de sentimentos. Algumas cenas do filme ilustram brilhantemente como, por meio de modelagem, a mãe ajuda a filha a identificar os sentimentos evocados nas situações e responder de acordo com eles.

Já a relação de Carol com o filho pode ter aumentado sua habilidade em observar e responder discriminativamente aos mais diferentes comportamentos. O menino sofria de uma grave asma desde os seis meses de idade e, portanto, requeria bastante atenção para que a qualquer sinal recebesse ajuda a tempo de preservar sua vida. Reforçada negativamente pelo alívio momentâneo dos sofrimentos do filho, a atenção de Carol sobre os sintomas do filho era mantida.

A caracterização dos demais personagens também é bastante rica. Merecem atenção o ator Greg Kinnear interpretando a personagem Simon e a cadela Jill 'no papel' de Verdell. A forma de se comportar de cada um, bem como as relações que estes vão estabelecendo com as diferentes personagens ao longo da história, por si, já mereceriam muitas linhas desta análise.

De fato, o que mais impressiona nesta história é a precisão com que roteirista e diretor destacaram as variáveis relevantes envolvidas num processo de transformação. Transformação que pode ser observada na história de cada personagem, por meio do estabelecimento de relações afetivas e verdadeiras. As mudanças abrangem padrões complexos de comportamento, e são decorrentes tanto da alteração de estímulos antecedentes (tal como se pode observar nas diversas descrições de contingências apresentadas a Melvin por Carol) quanto da apresentação de estí-



mulos sociais conseqüentes (tais como os limites apresentados por Simon e Carol às verbalizações ameaçadoras ou desajeitadas de Melvin), e possibilitaram a constituição de novos relacionamentos bem mais reforçadores.

Olhares menos atentos poderiam atribuir essas modificações a variáveis internas: por exemplo, o amor que Melvin desenvolve por Carol. Por meio desse tipo de olhar, chegar-se-ia a uma avaliação do filme como sendo “um apanhado de *clichês*”. Muitos poderiam considerar o caminho de transformação de Melvin muito previsível. No entanto, o sentimento de amor não é a variável relevante na mudança do comportamento. Ele é mais uma das conseqüências de uma relação repleta de reforçadores positivos e com o mínimo de punição. As mudanças nos padrões de interação são efeitos das mudanças nas contingências vividas pelas personagens. A personagem Melvin, aparentemente, não experimentava “bons sentimentos” e, ao final da história, tudo indica que ele é alguém muito mais feliz. Podemos afirmar, como analistas do comportamento, que tais transformações das personagens são, de fato, previsíveis. Porém, as causas dessa previsibilidade são atribuídas a eventos totalmente diversos da explicação mais comum. Alterações nas conseqüências (que podem ser de natureza social ou mecânica) que se seguem a determinadas ações (respostas) produzem alterações nessas ações, no sentido de torná-las mais ou menos prováveis. Com isso, a partir de um repertório social que inicialmente apresentava pouquíssimas interações socialmente “apropriadas”, pôde ser aos poucos modelado um repertório socialmente desejável. Isso, graças à sensibilidade de um interlocutor que reforçava, com sua atenção carinhosa, as sutis variações do responder na direção de uma interação mais favorável.

O fato de podermos identificar em “Melhor é Impossível” os relacionamentos interpessoais sendo transformados pelas alterações das contingências faz deste filme um excelente material para o ensino e discussão dos pressupostos comportamentais presentes na prática clínica.

Carol (assim como deveria fazer um bom terapeuta) estabelece uma relação altamente reforçadora com Melvin e, a partir dessa relação, favorece o desenvolvimento de um repertório social mais apropriado. A princípio ela fornece conseqüências reforçadoras a quase qualquer comportamento, dispensando atenção e pouquíssima punição (o que é bastante realista se pensarmos na clínica). Ela reage de forma diferente dos demais ao não evitá-lo. Como efeito dessa relação reforçadora, aumenta a probabilidade de que Melvin emita qualquer comportamento que o aproxime de Carol. À medida que o vínculo se fortalece, a personagem nos oferece modelos bastante claros de procedimentos comportamentais envolvidos nos processos de aprendizagem.

Nesta resenha, poderíamos relacionar tais procedimentos a cenas específicas. Mas isso tiraria de muitos as deliciosas surpresas que o filme pode oferecer. A sugestão então é que você assista ao filme e procure encontrar nele alguns dos exemplos de procedimentos bastante utilizados pelos terapeutas (é claro, aplicados de forma assistemática): dessensibilização, desenvolvimento de assertividade e de habilidades sociais, solução de problemas, exposição com prevenção de respostas, além de modelação e modelagem, passando por reforço diferencial em estágios sucessivos até chegar no que chamamos de aprendizagem discriminativa.

Garantimos que esse exercício vai proporcionar um bom divertimento, além de uma boa aprendizagem discriminativa relativa à observação de aspectos relevantes nas interações interpessoais. ■

PSICOLOGIA DO ESPORTE: como trabalhar numa perspectiva comportamental para melhorar o desempenho de atletas

COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CURSO:

CRISTIANA SCALA

Mestre e Doutora em Psicologia pela USP

Psicóloga do Esporte atuante em diferentes modalidades esportivas

O curso visa a compreensão da área de atuação da psicologia do esporte, seus objetivos e as técnicas utilizadas para melhora de rendimento individual. Propicia também oportunidades para a análise das situações esportivas, e das contingências de reforçamento que nelas estão atuando, a fim de intervir de maneira adequada e para o questionamento dos procedimentos que trazem ou não resultados nessa área.

TEMAS PRINCIPAIS A SEREM ABORDADOS NO CURSO:

- princípios da análise do comportamento no esporte
- contingências de reforçamento envolvidas na prática do esporte
- critérios para a promoção e reforçamento positivo do esportista
- intervenções para aumentar o desempenho individual
- análise das situações esportivas e das contingências que atuam nos atletas
- intervenções efetivas, regras e objetivos para melhora de rendimento
- Controle das emoções na atividade esportiva
- Utilização da imaginação (visualização) na promoção do esportista
- Preparação e manutenção de concentração, confiança e ativação
- discussão de pesquisas da área.

DURAÇÃO: Doze horas distribuídas no final de semana. Sábado, 11 de novembro, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 h. Domingo, 12 de novembro, das 8 às 12h

Público alvo

Profissionais e estudantes de Psicologia

Profissionais e estudantes de Educação Física e Esporte

NOVO SERVIÇO DE ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT) NO NÚCLEO PARADIGMA

COORDENAÇÃO DA EQUIPE

Roberta Kovac
Yara Claro Nico

ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS

Dácio Soares
Denise Lima Oliveira
Giovana Del Prette
Luciana Cavalcante
Marcio Alleoni Marcos
Nicolau Batista Borges
Nicolau Kuckartz Pergher
Roberta Kovac
Tatiana Araújo
Yara Nico

SUPERVISORES

Denis Roberto Zamignani
Joana Singer Vermes
Nicolau Kuckartz Pergher
Roberta Kovac
Yara Claro Nico

maiores informações em nosso site www.nucleoparadigma.com.br



paradiçma

NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

FAÇA SEU EVENTO NO PARADIGMA

O Núcleo Paradigma conta com uma ampla sede com toda a infraestrutura para a organização de cursos e pequenos eventos, que inclui salas de aula para até 60 pessoas, salas para reuniões de pequenos grupos, além dos serviços e equipamentos (multimídia, retroprojetores, quadro branco), necessários para o desenvolvimento de seu evento dentro de um espaço confortável e harmonioso. Acesso para deficientes físicos.

Para maiores informações, entre em contato com nossa secretaria: 11-3864-9732

grupo de estudos

A OBRA DE SKINNER

O grupo de estudos visa se dedicar à leitura de temas referentes à ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. Pretende-se desenvolver discussões teóricas, filosóficas e práticas a partir do estudo cuidadoso de livros (em sua íntegra), que ajudaram a definir o panorama atual da abordagem. O ponto de partida será o livro “Questões Recentes na Análise do Comportamento”, de B. F. Skinner.

COORDENAÇÃO

Marcio Alleoni e

Tatiana Araújo

PÚBLICO-ALVO

estudantes de Psicologia a partir do segundo ano e psicólogos. Os participantes devem ter disponibilidade para leitura prévia do material a ser discutido.

Encontros semanais

às quintas-feiras,

das 14 às 16h.

INÍCIO EM AGOSTO/06.

07 E 08 DE OUTUBRO DE 2006
Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos

25 A 28 DE OUTUBRO DE 2006
XXXVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia
Salvador - Campus da Universidade Federal da Bahia.

DE 09 A 11 DE NOVEMBRO DE 2006
II Encontro de Análise do Comportamento de Curitiba
Universidade Federal do Paraná
Campus Jardim Botânico

02 DE DEZEMBRO DE 2006
I Jornada de Clínica Analítico-Comportamental
Núcleo Paradigma
São Paulo - SP

02 DE MARÇO DE 2007
Início das aulas do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental

25 A 29 DE MAIO DE 2007
33rd ABA Convention
San Diego - USA - Manchester Grand Hyatt

O Observatório Céu Austral e o Núcleo Paradigma oferecem o curso

DA TERRA ÀS ESTRELAS

uma visão da moderna astronomia

Destinado a qualquer pessoa que deseje conhecer um pouco mais sobre o funcionamento do universo, o curso tem como objetivos proporcionar uma visão geral da Astronomia, apresentando os corpos celestes, suas principais características físicas e sua ambientação no Universo, além de introduzir técnicas de observação do céu a olho nu e por instrumentos.

INFORMAÇÕES

Núcleo Paradigma - (11) 3864 9732
contato@nucleoparadigma.com.br
Observatório Céu Austral - (11) 9932 4324
ceuaustral@ig.com.br